

A visão feminista da Bíblia: uma análise sob a perspectiva adventista

ISAAC MALHEIROS¹
VANESSA MEIRA²

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer, por meio de uma pesquisa bibliográfica, uma avaliação da visão feminista da Bíblia sob a perspectiva adventista. A pesquisa avalia alguns textos representativos da teologia feminista, desde a primeira onda até a contemporaneidade, bem como declarações de ativistas e teólogas feministas a respeito da Bíblia. Através desta pesquisa, é possível concluir que há uma tensão significativa entre a visão feminista e a perspectiva adventista a respeito da Bíblia.

Palavras-Chave: Bíblia; feminismo; adventismo.

The Feminist View of the Bible: An Analysis from an Adventist Perspective

Abstract: The purpose of this article is to make, by means of a bibliographic search, an evaluation of the feminist view of the Bible from an Adventist perspective. The research assesses some representative texts of feminist theology, from the First Wave to contemporary times, and statements by feminist activists and theologians about the Bible. Through this research, it is possible to conclude that there is a significant tension between the feminist view and the Adventist perspective regarding the Bible.

Keywords: Bible; Feminism; Adventism.

Este artigo pretende, por meio de pesquisa bibliográfica, avaliar a visão feminista da Bíblia sob uma perspectiva adventista. Como a história dos movimentos de emancipação das mulheres é cheia de fases e vertentes, seria um erro avaliar o feminismo de forma isolada; como um discurso

.....
¹ Doutor em Teologia (EST, São Leopoldo-RS). E-mail: pr_isaac@yahoo.com

² Mestre e Doutoranda em Teologia (EST, São Leopoldo-RS). E-mail: vanessarmeira@gmail.com



unísono. Assim, vamos nos referir aos movimentos de emancipação das mulheres como “feminismos” (no plural), e avaliar textos representativos das abordagens bíblicas feministas.

Serão citadas fontes primárias, e as citações diretas serão mantidas para que a posição de cada autora feminista seja exposta em suas próprias palavras. As traduções das fontes primárias em língua estrangeira foram feitas pelos autores desta pesquisa.

A teologia feminista

Existem consequências teológicas nas proposições feministas, e, no surgimento da primeira onda feminista, o movimento já começou fazendo afirmações teológicas sobre Deus, a Bíblia, a igreja e outros temas (ZIKMUND, 1979, p. 217). Por isso, as declarações feministas podem passar por uma análise teológica. Como esclareceu Naomi Goldenberg (1979, p. 13), as críticas feministas contemporâneas da religião podem ser divididas e classificadas em dois grupos: “as que revisam e as que se revoltam”. Algumas pesquisadoras feministas defendem o completo abandono do judaísmo e do cristianismo, enquanto outras tentam salvar essas religiões de sua tradição sexista por intermédio de uma reforma revisionista (GOLDENBERG, 1979, p. 10). Esses dois grupos serão avaliados a seguir.

A face anticristã dos feminismos

A partir da década de 1970, conforme os estudos feministas se desenvolviam, a religião (em especial a cristã) passou a ser retratada de forma negativa, como um obstáculo para o movimento. Os pressupostos secularistas dos feminismos, sobretudo os de herança socialista ou marxista, veem a religião como opressora, acusada de cegar as mulheres à sua opressão ou de ensinar-lhes a liberdade como uma utopia após a morte (BRAIDOTTI, 2008). Nas palavras da teóloga feminista Isabel Heyward (1984, p. 117), “A fé e a prática cristãs são necessariamente destrutivas para a maioria das pessoas no mundo, na medida em que são cimentadas na insistência de que Jesus Cristo é o Senhor e Salvador de todos”.

Na ótica feminista, a Bíblia e o cristianismo são um produto do patriarcado, portanto são legítimos alvos de ataque (ou desconstrução):

Sob o patriarcado, nenhuma mulher é segura para viver sua vida, amar ou ter filhos. Sob o patriarcado, toda mulher é uma vítima, no passado, presente e futuro. Sob o patriarcado, a filha de toda mulher é uma vítima, no passado, presente e futuro. Sob o patriarcado, o filho de toda mulher é seu potencial traidor e também o inevitável estuprador ou explorador de outra mulher. [...] Isso significa que teremos que atacar e destruir todas as instituições, leis, filosofia, religião, costumes e hábitos desse patriarcado (DWORKIN, 1981, p. 20).

A face anticristã dos feminismos pode ser compreendida por meio da feminista Cath Elliott (2008) ao declarar que o “cristianismo é e sempre foi antitético à liberdade e à igualdade das mulheres”, pois “[é] o patriarcado manifesto, dominado por homens, criados pelos homens para proteger e perpetuar seu poder”. Para ela, “o termo ‘feminista cristã’ é um oxímoro; é uma contra-



dição gritante”. Livros como *Does God Hate Women?* (BENSON, 2009) tentam denunciar o papel que a religião (cristã, inclusive) desempenha na opressão das mulheres.

De início, na primeira onda, a desconstrução da religião se tornou um dos principais objetivos de importantes setores feministas. Tal desconstrução se manifesta em diferentes formas, sendo uma delas a crítica ao cristianismo. A sufragista pioneira Elizabeth Cady Stanton já tecia duras críticas ao cristianismo no século 19, no texto *Has Christianity Benefited Woman?*

Todas as religiões, portanto, tem ensinado a liderança e a superioridade do homem, a inferioridade e a subordinação da mulher. Qualquer que seja a nova dignidade, a honra, e o auto-respeito, que a mudança de teologias pode ter trazido para o homem, eles têm trazido igualmente para todas as mulheres, mas uma outra forma de humilhação. A história mostra que a condição da mulher mudou com diferentes formas de civilização, e que ela gozou em alguns períodos de maior honra e dignidade e mais direitos pessoais e de propriedade do que lhe foi concedido na era cristã (STANTON, 1885).

Elizabeth Cady Stanton, inicialmente uma cristã evangélica, aos poucos deixou suas crenças (ou “superstições”, como ela mesma descreve). Até enfim declarar, referindo-se à fé cristã, que via “como um dos piores crimes obscurecer a mente dos jovens com essas superstições tenebrosas; e com temores do desconhecido e daquilo que não pode ser conhecido” (STANTON, 1898). Apesar da preocupação com as reformas legais e com o sufrágio, “os escritos de Stanton revelam que o contínuo alvo era a autoridade da Escritura” (MCCULLEY, 2017, p. 58).

A pioneira sufragista Matilda Joslyn Gage, como Elizabeth Stanton, era uma feroz crítica do cristianismo, o que a colocava em desacordo com sufragistas cristãs mais conservadoras, como Frances Willard e a Woman’s Christian Temperance Union. Ela publicou *Woman, Church and State*, em 1893, expondo como, em sua opinião, o cristianismo era um dos principais responsáveis pela opressão feminina (GAGE, 1893).

Simone de Beauvoir, figura central entre os feminismos, criticou acidamente o cristianismo:

A ideologia cristã não contribuiu pouco para a opressão da mulher. Há, talvez, no Evangelho um sopro de caridade que se estende tanto às mulheres como aos leprosos; são os pequenos, os escravos e as mulheres que se apegam mais apaixonadamente à nova lei (BEAUVOIR, v.1, 2009, p. 107).

Beauvoir continua a crítica ao afirmar que, no cristianismo primitivo, as mulheres “não podiam [...] tomar parte no culto senão a título secundário; as “diaconisas” só eram autorizadas a realizar tarefas laicas: cuidados aos doentes, socorros aos indigentes” (BEAUVOIR, v. 1, 2009, p. 107). E, sobre o apóstolo Paulo, ela é taxativa: “com São Paulo afirma-se a tradição judaica ferozmente antifeminista” (BEAUVOIR, v. 1, 2009, p. 107-108).

Setores do feminismo contemporâneo anunciam o “fim de Deus” (o Deus judaico-cristão), ou pelo menos o fim de um mundo tão influenciado por Cristo e por Jeová (GOLDENBERG, 1979, p. 10). Naomi Goldenberg, por exemplo, é uma das autoras que acreditam na eliminação da tradição judaico-cristã e defende uma “espiritualidade da Deusa”. Ela afirmou que “nós mulheres vamos dar um fim a Deus” (GOLDENBERG *apud* ALCOFF; CAPUTO, 2011, p. 59), que “havia uma magnificência ligada à ideia de vê-lo [Deus] ir” e que tinha voltado com alegria à pós-graduação “para estudar o final de Deus” (GOLDENBERG, 1979, p. 3).



De acordo com Goldenberg, “[t]oda mulher que trabalha para melhorar sua própria posição na sociedade ou a das mulheres em geral está provocando o fim de Deus” (GOLDENBERG, 1979, p. 10). Para ela, “as feministas estão tornando o mundo cada vez menos como o descrito na Bíblia e, assim, ajudando a diminuir a influência de Cristo e Yahweh na humanidade” (GOLDENBERG, 1979, p. 13). A postura feminista anticristã pode ser sintetizada assim:

Jesus Cristo não pode simbolizar a libertação das mulheres. [...] Para desenvolver uma teologia da libertação das mulheres, as feministas precisam deixar Cristo e a Bíblia para trás. As mulheres precisam parar de negar o sexismo que está na raiz dos sistemas judaico e cristão (GOLDENBERG, 1979, p. 22).

Mary Daly é outra pensadora feminista importante que rejeita a tradição judaico-cristã por completa (RUETHER, 1993, p. 38). Ela acusa o cristianismo de opressão às mulheres ao ensinar a inferioridade delas e por submetê-las a um papel passivo por meio de uma teologia misógina. Daly (1968) traça temas bíblicos e teológicos que em tese comprovam essa acusação.³ Gloria Steinem escreveu, em 1973, que “até o ano 2000, espero, criaremos nossos filhos para acreditar no potencial humano, não em Deus” (STEINEM *apud* PARSLEY, 2007, p. 9), e, em uma entrevista, afirmou que o maior problema do feminismo hoje em dia é a religião (BRONNER, 2014).

Logo na primeira onda do feminismo, Margaret Sanger, eugenista, feminista e pioneira no ativismo pró-aborto, publicou o periódico *The Woman Rebel* (1914), que tinha como lema a frase “no Gods, no Masters” (sem Deuses, sem Mestres). Em um dos primeiros números, a publicação anuncia que dedicará uma seção às jovens de 14 a 18 anos, “mas o método banal de ensino das escolas dominicais será evitado”. Esse tom de crítica ao cristianismo e às igrejas é perceptível também no artigo “The Pauline Ideas vs. Women” (As ideias Paulinas contra as mulheres), que afirma que o cristianismo impôs submissão, silêncio e sujeição às mulheres. Com ironia, descreve Paulo como o bom homem que massacrava corpos de cristãos, mas, após sua conversão, passou a massacrar intelectos, liberdades individuais e oportunidades de progresso social. Segundo o artigo, os textos de Paulo impuseram às mulheres a “escravidão sexual, intelectual, pessoal e espiritual” (AEGYPTUS, 1914, p. 20).

Mesmo entre feministas, como mostra o debate entre Daphne Hampson e Rosemary Radford Ruether⁴, não existe uma resposta simples hoje em dia à pergunta: o feminismo e o cristianismo podem coexistir? Para a feminista Hampson, o feminismo representa um desafio radical ao cristianismo, pois a religião cristã desenvolveu sua doutrina e a Bíblia num ambiente patriarcal. Para ela, é impossível feminismo e cristianismo concordarem, e a religião cristã não é mais sustentável por ser irremediavelmente patriarcal (HAMPSON, 1990; HAMPSON, 1996).

As propostas feministas para o cristianismo são claras: abandono ou desconstrução/reconstrução. Boa parte dos feminismos opta pelo abandono, enquanto há feministas que pretendem continuar cristãs e desconstruir/reconstruir a fé cristã. No entanto, como veremos no próximo tópico, desconstruir/reconstruir também é uma forma de abandono.

³ Para uma bibliografia introdutória a respeito da relação entre os feminismos e a igreja cristã, ver WALSH, 1999; e KELLER; RUETHER, 2006.

⁴ Hampson afirma que *não*, enquanto Ruether afirma que *sim*. Ver HAMPSON; RUETHER, 1987.



A desconstrução/reconstrução feminista do cristianismo

Enquanto o feminismo parecia encorajar a descristianização, as teorias secularistas não se confirmaram, e a religião se revitalizou (BERGER, 1999). Um efeito dessa crítica feminista às religiões foi o abandono da fé religiosa por parte de mulheres, ou, no mínimo, a criação de espaços alternativos espirituais (*Wicca*, por exemplo) (SOINTU, 2008, p. 259). Assim, a hipótese de que o secularismo seria a posição feminista ideal e superior está sendo questionada, pois muitas mulheres encontram apoio na religião para seu processo emancipatório, e também porque essa suposição secularista rotula e marginaliza as mulheres religiosas (REILLY, 2011).

O fato é que, após o insucesso das previsões secularistas, houve um forte retorno feminista à espiritualidade, inclusive à cristã, com um viés revisionista. Há feministas que acreditam ser possível resgatar a Bíblia do patriarcado e que vale a penas resgatá-la. Esse resgate passa pela mudança doutrinária. A ativista bell hooks⁵ descreve a necessidade de reconstrução das crenças do cristianismo, pois

Mais do que outras religiões, a doutrina cristã, que tolera o sexismo e a dominação masculina, inspira as formas como aprendemos tudo sobre os papéis dos gêneros nesta sociedade. Não é possível haver uma verdadeira transformação feminista em nossa cultura sem a transformação das crenças religiosas (HOOKS, 2018, p. 120).

O setor revisionista do feminismo cristão pode ser bem representado pela teóloga feminista Mary Hunt (2016), que defende que feministas lutem contra o machismo de dentro das estruturas religiosas que o sustentam. Ou seja, em vez de abandonarem as igrejas, as feministas deveriam ficar e mudar as estruturas de dentro para fora, num processo conhecido como “feministização da religião” (HUNT, 1995, p. 21-32).⁶

A teologia feminista é uma área de pesquisa acadêmica que cresce com rapidez e pretende refutar a “interpretação fundamentalista da Bíblia”, “ressignificar os textos bíblicos à luz dos avanços sociais e dos avanços conquistados pelas mulheres”, prega uma “interpretação sociológica das escrituras em detrimento de uma leitura literal e fundamentalista” e uma “leitura humanitária da Bíblia” (MATOS, 2017).

A teóloga feminista Ivone Gebara (2010) reconhece que “a teologia feminista é parte de uma revolução cultural dos séculos 20 e 21, uma revolução que ainda está em seus primeiros passos”. Nessa revolução, a interpretação bíblica feminista

transfere a autoridade divina dos próprios textos bíblicos (canônicos) para as experiências de opressão e libertação [...] porque vê a Bíblia não como um “arquétipo fundamental”, mas como um “modelo raiz formativo” que fornece aos leitores visões, modelos e paradigmas (e não comandos ou ensinamentos absolutos) (CORLEY; BLESSING, 2006, p. 148).

A Bíblia é reconhecida como, talvez, o maior obstáculo no movimento feminista (CORLEY; BLESSING, 2006, p. 146). A teóloga feminista Schüssler-Fiorenza (1984, p. 35) rejeita a ideia de

⁵ A feminista negra bell hooks escreve seu nome apenas com letras minúsculas a fim de dar mais importância às suas ideias do que à sua pessoa.

⁶ “Feministização” é uma tradução livre do neologismo inglês *feministization*, usado em publicações feministas.



que podemos encontrar princípios universais nos textos bíblicos e defende que apenas as “tradições e textos que rompam criticamente a cultura patriarcal [...] têm a autoridade teológica da revelação” (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1994, p. 33).

Na visão feminista, a autoridade bíblica “não pode ser imposta, mas deve ser conquistada”, e os textos bíblicos “podem, portanto, representar a ‘Palavra de Deus’ e a ‘Sagrada Escritura’ apenas conforme determinado pelas próprias mulheres” (SCHROER, 2003, p. 9; grifo nosso).⁷ A “Bíblia não deve ser considerada [...] como a palavra imutável de Deus” (REINHARTZ; WACKER, 2003, p. 42).

Caso, ao ler a Bíblia, uma mulher perceba que alguns textos não são libertadores, ela pode julgá-los como inautênticos ou incongruentes com a palavra de Deus (KASSIAN, 2005, p. 198). A mulher julga a Bíblia pelos seus próprios padrões de verdade e justiça. Margaret Farley (1985, p. 43) afirma que a Bíblia “não nos escravizará ao que viola nosso próprio senso de verdade e justiça”,⁸ e “não se pode acreditar [na Bíblia], a menos que pareça fiel à nossa capacidade mais profunda de verdade e bondade”. Elsa Tamez (1985, p. 58-61) ensina que a teologia feminista deve “buscar a palavra de Deus com o texto, apesar do texto ou contra mesmo o texto”.

Em outras palavras: a teologia feminista não começa com a Bíblia, mas com uma causa política e usa a Bíblia como instrumento nessa luta. Ela não quer ouvir a voz de Deus, quer usar a voz de Deus como militante de sua causa — no fim, são mulheres ouvindo suas próprias vozes. A teologia feminista não é fiel ao lema protestante *sola Scriptura*,⁹ não vê a Bíblia como a palavra inspirada de Deus, mas como um produto cultural.

A estratégia feminista de desconstrução/reconstrução da teologia cristã inclui elementos de proselitismo. De acordo com bell hooks (2018, p. 120), as feministas cristãs “ainda precisam organizar completamente um movimento que aborde as multidões de fiéis cristãos, convertendo-os ao entendimento de que não é necessário existir conflito entre feminismo e espiritualidade cristã”.

Em 1974, algumas “feministas bíblicas” fundaram o grupo *The Evangelical Women's Caucus*. A proposta inicial era ser um grupo feminista fiel à Bíblia e teologicamente conservador, contudo, aos poucos tomou outros rumos. Em 1987, várias mulheres se retiraram do grupo por causa do seu endosso ao lesbianismo. Em 1990, o grupo mudou seu nome para *The Evangelical and Ecumenical Women's Caucus*, para ser mais inclusivo e progressista. Desde de 2009, essa organização passou a se denominar *Christian Feminism Today*, realiza eventos acadêmicos e sociais e mantém um site¹⁰ no qual expõe sua visão progressista.¹¹

A experiência demonstrou que Ruether (1985, p. ix) estava certa ao afirmar que “a teologia feminista não pode ser feita a partir da predominante base da Bíblia cristã”. Claramente houve um desvio no *Evangelical Women's Caucus*, uma mudança de rota da fidelidade bíblica à hermenêutica

.....

⁷ Schroer (2003, p. 9) acrescenta que: “A natureza normativa dos escritos só pode ser estabelecida em uma comunidade das filhas de Deus baseada na obediência mútua. Os teólogos católicos têm a vantagem em relação à questão da autoridade dos textos de que sua tradição não limita a revelação apenas à Bíblia e, portanto, têm mais margem de manobra para definir seu conceito da ‘Palavra de Deus’”.

⁸ A teologia feminista usa “a experiência humana [...] como fonte e critério da verdade” (DEDEREN, 2011, p. 222).

⁹ A leitura feminista da Bíblia tende a “apresentar alguma norma externa [...] que substitui o princípio da *sola Scriptura* e relativiza a Escritura. Nessas abordagens, não há um significado objetivo e normativo da Escritura. Ao contrário, o que existe é uma leitura feminista” (DAVIDSON, 2011, p. 107).

¹⁰ Disponível em: <<https://bit.ly/2WX5lvs> />. Acesso em 08 jan. 2020.

¹¹ Para uma exposição e análise da história do Feminismo Evangélico (ou Feminismo Bíblico), ver COCHRAN, 2005; KASSIAN, 2005, p. 261–278.



feminista da suspeita. A teologia feminista consiste em levantar a pergunta feita pela serpente a Eva: “Foi isto mesmo que Deus disse [...]?” (Gn 3:1, NVI). Esse aspecto será avaliado no próximo tópico.

Críticas feministas à Bíblia

Na teologia feminista, a Bíblia geralmente é vista com suspeita ou como uma inimiga em potencial. De forma visível, os métodos feministas de estudo da Bíblia “desmereceram a autoridade canônica bíblica” (DUBE, 2003, p. 63). A feminista Jo Fidgen (2015) acusa: “A Bíblia ensina nossos filhos a odiarem as mulheres antes que eles possam pensar”. Por isso, ter uma consciência feminista¹² ao ler a Bíblia seria o meio para proteger e resgatar as mulheres dos efeitos prejudiciais da interpretação bíblica. Por exemplo, a teóloga feminista Elisabeth Schüssler Fiorenza (1985, p. 130) afirmou: “uma hermenêutica crítica feminista da suspeita coloca uma etiqueta de aviso em todos os textos bíblicos: *Cuidado! Pode ser perigoso para sua saúde e sobrevivência*”.

De acordo com a teologia feminista, o Novo Testamento foi escrito por homens e para homens, é fruto de manobras políticas hierárquicas androcêntricas e é infectado pelo patriarcado.¹³ Isso torna a Bíblia uma possível influência “perigosa à nossa saúde” e torna a imagem bíblica de Jesus potencialmente prejudicial (GREENE-MCCREIGHT, 2000, p. 71).

A feminista pioneira Elizabeth Cady Stanton escreveu na *Woman’s Bible*:

o Pentateuco é um longo e doloroso registro de guerra, corrupção, rapina e luxúria. Por que os cristãos que desejavam converter os pagãos à nossa religião deveriam enviar a eles esses livros, ultrapassa todo entendimento. É a leitura mais desmoralizante para crianças e para as massas impensadas, dando a todos a menor ideia possível de feminilidade (STANTON, 1975).

A própria linguagem utilizada na Bíblia é considerada sexista e carente de revisão e reescrita a partir de uma perspectiva feminina.¹⁴ Por isso, uma teóloga feminista ensina a orar assim: “Deus, nossa Mãe, agradecemos por nos amar tanto e desejar o melhor para nós. Obrigado por confiar em nós o suficiente para nos permitir fazer as coisas por conta própria” (ALDREDGE-CLANTON, 1993, p. 11). Segundo ela:

A linguagem de Deus masculina impede muitas crianças de estabelecer relações de confiança com Deus. Além disso, chamar Deus de “ele” faz com que os meninos cometam o pecado da arrogância. [...] Chamar o poder supremo do universo de “ele” faz com que as meninas cometam o pecado de se desvalorizarem (ALDREDGE-CLANTON, 1993, p. 11).

.....

¹² “A consciência feminista coloca radicalmente em questão todos os nomes religiosos tradicionais, textos, rituais, leis e metáforas interpretativas, porque todos ostentam ‘nomes de nosso Pai’” (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1985, p. 126).

¹³ “Sem a teologia feminista, a Bíblia é considerada perigosa para a saúde das mulheres. Elisabeth Schüssler Fiorenza exemplifica esse entendimento da Bíblia, pois ela supõe que os textos bíblicos são, na totalidade de seu escopo, história e interpretação, afetados e ‘infectados’ pelo patriarcado e, de fato, que eles funcionam para servir aos objetivos e interesses do patriarcado” (GREENE-MCCREIGHT, 2000, p. 39).

¹⁴ As tentativas feministas de reescrever textos bíblicos ou litúrgicos são descritos como “um ato de sobrevivência” (RICH, 1980, p. 35).



Ou seja, por esses critérios, a Bíblia seria culpada de fazer meninos e meninas pecarem.¹⁵ A Bíblia é, assim, um instrumento do patriarcado.¹⁶ Em geral, “teólogas feministas evitam explicitamente seguir a representação bíblica de Deus *in toto* porque alegam que a Bíblia, com o selo do patriarcado, é uma cúmplice em potencial na subjugação das mulheres” (GREENE-MCCREIGHT, 2000, p. 6).

Por ser apenas mais um texto patriarcal, a proposta feminista é a “despatriarcalização” da Bíblia, um procedimento semelhante ao programa de “desmitologização”, de Bultmann (uma grande influência na interpretação feminista da Bíblia):

A desmitologização de Bultmann é motivada por uma preocupação apologética, como é o caso da despatriarcalização da Bíblia pela teologia feminista. Ele tenta remover os obstáculos desnecessários para o leitor moderno, presentes na visão de mundo mitológica dos escritores antigos (GREENE-MCCREIGHT, 2000, p. 30).

Uma vez que para Bultmann a cosmovisão mitológica era o problema, para a interpretação bíblica feminista o problema é a cosmovisão patriarcal da Bíblia. Por isso, as teólogas feministas querem traduzir a “mensagem das Escrituras em linguagem e conceitos não-patriarcais” (GREENE-MCCREIGHT, 2000, p. 31).

A teoria do patriarcado é uma das lentes através das quais o feminismo lê a Bíblia. Tolbert (1983, p. 119) define a hermenêutica feminista como “uma leitura do texto à luz de estruturas opressivas da sociedade patriarcal”. As teólogas feministas usam, inevitavelmente, essas lentes enquanto leem a Bíblia (GREENE-MCCREIGHT, 2000, p. 36).

Afirmar que a Bíblia é “carimbada pela opressão patriarcal”, em vez de ser a palavra de Deus, pode ser um problema para quem quer conciliar o feminismo com a fé bíblica. Na visão feminista, o “mito arquetípico da Bíblia como a Palavra de Deus foi desafiado por estudos históricos-críticos” (SCHÜSSLER-FIORENZA, 1984, p. 10), e, portanto, as Escrituras devem “ser lidas com uma suspeita particularmente feminista” (GREENE-MCCREIGHT, 2000, p. 39).

É inegável o esforço feminista para que a Bíblia deixe de ser vista como palavra de Deus. De acordo com a teóloga Ivone Gebara (2017): “Na Igreja, se aprende que os textos são a palavra de Deus. Nós, teólogas feministas, defendemos que sejam vistos como a produção literária de uma época com abertura à transcendência”, e “não como ‘palavra de Deus’” (CORTÊZ, 2017).

Mary Daly (1968, p. 183) crê que o desenvolvimento humano é impedido com “a ideia de que a revelação divina foi dada ao homem no passado, de uma vez por todas, e que foi ‘fechada’ no final da era apostólica”. Ela vê de forma negativa a “ideia de que certas declarações da Bíblia representam descrições de um plano divino inalterável” (DALY, 1968, p. 74-75).

Ivone Gebara (2012) afirma sem rodeios: “Meu trabalho é desconstruir [...] a Bíblia como a palavra de Deus. Eu digo: não é a palavra, é uma palavra humana, onde se coloca uma pessoa pela

.....
¹⁵ Para uma avaliação teológica da proposta feminista do uso de linguagem inclusiva para referir-se a Deus, ver KIMEL, 1992. Para uma resposta feminista à essa avaliação, ver LACUGNA, 1994, p. 114-116.

¹⁶ “a maioria das principais teólogas feministas entende que o texto bíblico é [...] um veículo para promover o patriarcado, e não principalmente uma testemunha inspirada da graça de Deus em Jesus” (GREENE-MCCREIGHT, 2000, p. 39).

qual lhe é atribuído, dependendo dos textos, uma característica” e cobra mudança: “É necessário mudar a Igreja a partir de dentro”.

Nas palavras da ativista Simony dos Anjos (*apud* DIP, 2019), “a teologia feminista é a teologia da suspeita. Porque nós encontramos a palavra de Deus na Bíblia, mas ela não é em sua totalidade a palavra de Deus”. Para Valéria Vilhena, a Bíblia “não deve ser entendida como a voz de Deus, mas sim como a memória de um povo” (*apud* CALDEIRA, 2017).

Gebara (2003, p. 256) sugere que é preciso “desafiar as leituras fundamentalistas e patriarcais da Bíblia e adotar uma hermenêutica da suspeita”. Essa *hermenêutica da suspeita feminista* é feita usando a teoria do patriarcado como moldura e a experiência feminina como lente. “Ser cético em relação a todo sistema conhecido de pensamento; criticar todas as suposições, ordenar valores e definições. Testar a declaração de alguém confiando na nossa experiência feminina” (LERNER, 1986, p. 228). Isso significa suspeitar da Bíblia.

Uma fonte que sobrepõe as Escrituras é a experiência feminina como vítima do patriarcado (GREENE-MCCREIGHT, 2000, p. 43). A experiência feminina subordina qualquer autoridade: “A experiência e a prática das mulheres são as bases sobre as quais a teologia feminista se esforça para reconstruir e criar novas formas religiosas. [...] A experiência e a práxis das mulheres são os principais recursos” (HOGAN, 1995, p. 10).

Na leitura feminista da Bíblia, a autoridade das Escrituras “deve ser completamente desmistificada e desconstruída, para que não possam ser usadas contra mulheres marginalizadas” (KWOK, 1993, p. 103). Com isso, o leitor da Bíblia pode julgar e escolher em que parte dela acreditar: “a consciência feminista é o que vai determinar o que é e o que não é para ser crido no texto bíblico” (FARLEY, 1985, p. 44). A sugestão é que as mulheres devem “examinar um texto e decidir com quais textos elas querem se identificar, quais querem contestar e quais querem descartar” (CHENEY, 1996, p. 42). As leitoras feministas “resistem ao texto [bíblico] ou dão consentimento parcial à autoridade do texto bíblico porque a total aceitação dos valores no texto e a identificação com os protagonistas perpetuariam situações opressivas em suas comunidades” (CHENEY, 1996, p. 123).

As interpretações feministas da Bíblia também são moldadas pela consciência das lutas de classe e raça (a Bíblia é vista como instrumento do racismo).¹⁷ Outra característica da leitura feminista é encarar a Bíblia apenas como artefato cultural:

Não afirmo que a Bíblia seja um recurso feminista e nem um manifesto sexista. Esse tipo de suposição pode ser um problema apenas para aqueles que atribuem autoridade moral, religiosa ou política a esses textos, exatamente o oposto do que me interessa. É a função cultural de um dos documentos míticos e literários da nossa cultura que discuto, como um forte exemplo representativo do que a língua e a literatura podem fazer com uma cultura, especificamente com sua articulação de gênero (BAL, 1987, p. 1).

Recusando-se a ver a Bíblia como um livro inspirado e autoritativo, Alicia Ostriker (1993, p. 86) sugere uma hermenêutica da indeterminação, que vê a Bíblia como um amontoado de textos contraditórios sem nenhuma metanarrativa como moldura. Outras teólogas feministas sugerem que é impossível para uma mulher ler um texto patriarcal como a Bíblia.¹⁸

.....
¹⁷ Delores Williams (2013) denomina isso de “hermenêutica da sobrevivência”.

¹⁸ Por exemplo, DURBER, 1992.



Avaliação teológica

Nenhuma das opções de leitura feminista da Bíblia¹⁹ parece servir para um cristão que crê na inspiração e na autoridade das Escrituras. O problema fundamental é que cristãos bíblicos entendem que a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus, testemunho da graça e da salvação oferecidas por Ele em Jesus Cristo, e não lerão as Escrituras com o grau de ceticismo e suspeita que as feministas sugerem. Além disso, numa perspectiva adventista, ler a Bíblia por intermédio da consciência feminista e da experiência da opressão das mulheres debaixo do patriarcado submete a Bíblia à teologia feminista.

O cristão bíblico vê a Bíblia como Jesus via as Escrituras de seu tempo: “Toda a maneira de viver de Jesus foi humana, até mesmo na plena confiança que depositava nas Escrituras do AT como a revelada Palavra de Deus” (DEDEREN, 2011, p. 184). Os profetas, apóstolos e o próprio Jesus aceitavam a Bíblia como “a fidedigna e autorizada Palavra de Deus, comunicada pelo Espírito Santo em linguagem humana” (BEMMELEN, 2011, p. 26), como se pode ver, por exemplo, em Daniel 9:2; Mateus 4:4; Marcos 7:13 e Hebreus 4:12. Após a ressurreição, antes de ascender ao Céu, Jesus expôs e ensinou as Escrituras (Lc 24:25–27, 44, 45). E os primeiros cristãos acolheram as palavras de Paulo: “não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus” (1Ts 2:13).

Dentro dessa compreensão, a experiência de opressão das mulheres (ou qualquer outra experiência, individual ou coletiva) não pode ter maior autoridade que as Escrituras, mas deve ser submetida à Palavra:

a consciência, a razão, os sentimentos e as experiências místicas ou religiosas se encontram subordinadas à autoridade das Escrituras. Essas coisas podem ter um valor legítimo dentro de sua área de competência, mas devem ser constantemente avaliadas pelo minucioso exame da Palavra de Deus (BEMMELEN, 2011, p. 49).

De acordo com Pedro, a Bíblia não é uma invenção meramente humana: “Antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de *interpretação pessoal*, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1:20-21, NVI). Então, considerar a Bíblia apenas como literatura que registra a memória de um povo é um problema, afinal:

Se a Bíblia for percebida apenas como uma coleção de testemunhos humanos, ou se a sua autoridade depende, de alguma forma, do modo como a pessoa se sente ou das emoções que manifesta, então a autoridade da Palavra é grandemente enfraquecida, senão completamente destruída (GRELLMANN, 2017, p. 24–25).

No caso dos adventistas do sétimo dia, “desde as suas primeiras publicações, [eles] afirmaram aceitar a Bíblia como a inspirada Palavra de Deus” (DEDEREN, 2011, p. 60). A primeira crença fundamental da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) afirma que

.....
¹⁹ Para uma apresentação panorâmica da hermenêutica feminista, ver UPTON, 2004, p. 97–113.



As Escrituras Sagradas, o Antigo e o Novo Testamentos, são a Palavra de Deus escrita, dada por inspiração divina. Os autores inspirados falaram e escreveram ao serem movidos pelo Espírito Santo. Nesta Palavra, Deus transmitiu à humanidade o conhecimento necessário para a salvação. As Escrituras Sagradas são a revelação *infallível*, suprema e repleta de autoridade de sua vontade. Constituem o padrão de caráter, *a prova da experiência*, o revelador definitivo de doutrinas e o registro fidedigno dos atos de Deus na história (Sl 119:105; Pv 30:5, 6; Is 8:20; Jo 17:17; 1Ts 2:13; 2Tm 3:16, 17; Hb 4:12; 2Pe 1:20, 21) (SALES, 2016, p. 166; grifo nosso).

Assim, aceitar a visão da teologia feminista sobre a Bíblia representaria um inevitável abandono dessa crença fundamental. A ideia feminista de submeter a Bíblia a uma “hermenêutica da suspeita” inverte a hierarquia de autoridade entre Deus e o ser humano, afinal:

As verdades bíblicas são a norma pela qual todas as demais ideias devem ser provadas. Através dos séculos, as mentes finitas têm tentado julgar a Palavra de Deus de acordo com os seus padrões humanos, o que se assemelha a uma fita métrica que pretende medir as estrelas. A Bíblia não se encontra sujeita aos padrões humanos. Ela é superior a toda a sabedoria e literatura humana. Em vez de julgar a Bíblia, todas as pessoas serão por ela julgadas, uma vez que ela é o padrão de caráter e teste de toda a experiência e pensamento do homem (GRELLMANN, 2017, p. 25).

O documento adventista *Métodos de estudo da Bíblia*, votado em 1986, estabelece que a IASD utilizará “todos os métodos de interpretação que se coadunem com o que as Escrituras dizem de si mesmas” (IASD, 1986). Além de reafirmar que a Bíblia é a Palavra de Deus, o documento afirma que qualquer método que subordine a Bíblia à razão humana é inaceitável para os adventistas.

Ao contrário da proposta feminista de julgar e escolher em que parte da Bíblia acreditar, Ellen White adverte que essas são “opiniões que não têm o apoio do Espírito nem da Palavra de Deus”, e que, “quando homens, rodeados de fraquezas humanas, [...] empreendem acusar publicamente a Palavra de Deus, e lavrar sentença sobre o que é divino e o que é humano, estão eles trabalhando sem o conselho de Deus” (WHITE, 2004, p. 709). Ela é fortemente contrária à sugestão de escolher em que partes da Bíblia crer ao destacar: “seres finitos, com sua visão estreita e curta, julgam-se competentes para criticar as Escrituras, dizendo: ‘Esta passagem é necessária, e aquela outra não é necessária, nem é inspirada’” (WHITE, 2004, p. 709).

White incentiva os cristãos a deixar que a Palavra de Deus “permaneça exatamente tal qual é. Que nenhuma sabedoria humana presuma diminuir a força de uma só declaração das Escrituras. [...] Em nome de meu Senhor eu vos ordeno: ‘Tira os teus sapatos de teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa.’ Êxodo 3:5” (WHITE, 2004, p. 711).

Considerações finais

A análise de textos feministas representativos evidencia que os feminismos fazem afirmações teológicas, consciente ou inconscientemente, e o objetivo consciente de grande parte da teologia feminista é desestabilizar e reconfigurar a narrativa bíblica. A Bíblia é encarada como literatura tão manchada de patriarcado que não resta alternativa a não ser desfigurá-la. Na leitura



feminista da Bíblia, as alegações feministas extrabíblicas são entendidas como verdadeiras, recebem o status de doutrinas (como a teoria do patriarcado), e colocam a representação bíblica de Deus em um nível de autoridade secundária.

Numa perspectiva bíblica, a própria leitura feminista da Bíblia deveria passar pelo julgamento bíblico, seguindo a nobre postura bereana de colocar tudo o que ouve à prova, e examinar “todos os dias as Escrituras, para ver se tudo [é] assim mesmo” (At 17:11). As mulheres cristãs que acreditam que a Bíblia é a Palavra de Deus, a fim de seguir o mandamento bíblico “[n]ão se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente” (Rm 12:2), teriam que submeter o feminismo à Bíblia, não o contrário.

A teologia feminista pretende “redimir” o cristianismo e livrá-lo dos efeitos nocivos do patriarcado, mas a custo de relativizar e negar doutrinas. Ao apresentar a Bíblia como um veículo do patriarcado e como um mero artefato cultural, em vez de uma revelação divina, a leitura feminista da Bíblia leva à interrupção radical do legado da fé bíblico-cristã, da igreja primitiva, dos reformadores e do movimento adventista. Não representa uma etapa progressiva na compreensão da revelação, porque a interpretação feminista da Bíblia nega a autoridade das Escrituras e deforma a representação bíblica de Deus.

Referências

- AEGYPTUS. The Pauline Ideas vs. Women. **The Woman Rebel**, v. 1, n. 3, 1914.
- ALCOFF, L.; CAPUTO, J. D. **Feminism, Sexuality, and the Return of Religion**. Bloomington: Indiana University Press, 2011.
- ALDREDGE-CLANTON, J. **God, A Word for Girls and Boys**. Louisville: Glad River, 1993.
- BAL, M. **Lethal Love: Literary Feminist Readings of Biblical Love Stories**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEMMELEN, P. M. Revelação e inspiração. In: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. (p. 26-66).
- BENSON, O. B.; STANGROOM, J. **Does God Hate Women?** Lomdon: Continuum, 2009.
- BERGER, P. **The desecularization of the world: essays on the resurgence of religion in world politics**. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.
- BRAIDOTTI, R. In spite of the times: The postsecular turn in feminism. **Theory, Culture & Society**, v. 25, p. 1-24, 2008.
- BRONNER, S. Why Gloria Steinem Says She And Jennifer Aniston Are In 'Deep Sh*t. **HuffPost US**. 11 fev. 2014. Disponível em: <<http://tiny.cc/9s8miz>>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- CALDEIRA, E. Cresce o número de evangélicas que aderem ao feminismo. **Metrópoles**. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2QSSNDL>>. Acesso em 13 jan. 2020.



- CHENEY, E. **She Can Read: Feminist Reading Strategies for Biblical Narrative**. Valley Forge: Trinity, 1996.
- COCHRAN, P. D. H. **Evangelical Feminism: A History**. New York: New York University Press, 2005.
- CORLEY, L. B.; BLESSING, C. Speaking Out: Feminist Theology and Women's Proclamation. In the Wesleyan Tradition. JULE, A.; PEDERSEN, B. T. (eds.). **Being Feminist, Being Christian: Essays from Academia**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.
- CORTÊZ, N. **Freira e feminista: o que Ivone Gebara pensa sobre aborto, gênero e drogas**. 01 dez. 2017. Disponível em <<https://bit.ly/3a8SqfA>>. Acesso em 13 jan. 2020.
- DALY, Mary. **The Church and the Second Sex**. New York: Harper & Row, 1968.
- DAVIDSON, R. M. Interpretação bíblica. In: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. (p. 67-119).
- DEDEREN, R. Cristo: pessoa e obra. In: DEDEREN, R. (ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. (p. 180-230).
- DIP, A. **Uma feminista na igreja**. 21 maio 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2RcjMcn>>. Acesso em: 13 jan. 2020.
- DUBE, M. W. Jumping the Fire with Judith: Postcolonial Feminist Hermeneutics of Liberation. In: SCHROER, S.; BIETENHARD, S. **Feminist Interpretation of the Bible and the Hermeneutics of Liberation**. New York: Sheffield Academic Press, 2003. (p. 60-76).
- DURBER, S. The Female Reader of the Parables of the Lost. **Journal for the Study of the New Testament**, v. 45, p. 59-78, 1992. Disponível em: <<https://bit.ly/2Tfj4ZI>>. Acesso em: 07 jan. 2020.
- DWORKIN, A. **Our Blood: Prophecies and Discourses on Sexual Politics**. New York: Perigee Books, 1981.
- ELLIOTT, C. **I'm not praying**. 18 ago. 2008. Disponível em: <<http://tiny.cc/8x6miz>>. Acesso em 06 jan. 2020.
- FARLEY, M. A. Feminist Consciousness and the Interpretation of Scripture. In: RUSSELL, L. (ed.). **Feminist Interpretation of the Bible**. Philadelphia: Westminster, 1985.
- FIDGEN, J. **'The Bible teaches our children to hate women before they can think'**. 04 ago. 2015. Disponível em: <<http://tiny.cc/aebniz>>. Acesso em 06 jan. 2020.
- GAGE, M. J. **Women, Church and State**. 1893. Disponível em: <<http://tiny.cc/vd7miz>>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- GEBARA, I. A feminist theology of liberation: A Latin American perspective with a view toward the future. In: SEGOVIA, F. F. (ed.). **Toward a new heaven and a new earth: Essays in honor of Elisabeth Schüssler Fiorenza**. Maryknoll: Orbis Books, 2003.
- GEBARA, I. **Ivone Gebara: teóloga, católica e freira feminista**. 11 maio 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2FI0WnY>>. Acesso em: 13 jan. 2020.



- GEBARA, I. **Teologia, feminismo e filosofia**. 31 mar. 2010. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/teologia-feminismo-e-filosofia/>>. Acesso em: 13 jan. 2020.
- GEBARA, I. **Uma clara opção pelos direitos das mulheres**. Entrevista com Ivone Gebara. 25 jul. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3a563fZ>>. Acesso em: 13 jan. 2020.
- GOLDENBERG, N. R. **Changing of the gods: feminism and the end of traditional religions**. Boston: Beacon Press, 1979.
- GREENE-MCCREIGHT, K. **Feminist reconstructions of Christian doctrine**; narrative analysis and appraisal. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- GRELLMANN, H. L. (trad.). **Nisto Cremos [livro eletrônico]**: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.
- HAMPSON, D. **After Christianity**. London: SCM, 1996.
- HAMPSON, D. **Theology and Feminism**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- HAMPSON, D.; RUETHER, R. R. Is There a Place for Feminists in a Christian Church? **New Blackfriars**, v. 68, p. 7-24, 1987.
- HEYWARD, C. I. **Our Passion for Justice: Images of Power, Sexuality, and Liberation**. New York; Pilgrim, 1984.
- HOGAN, L. **From Women's Experience to Feminist Theology**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.
- HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- HUNT, M. Psychological implications of women's spiritual health. In: COLE, E.; OCHSHORN, J. (Eds.). **Women's spirituality, women's lives**. Binghamton: Harrington Park Press, 1995.
- HUNT, M. **Religião e feminismo combinam?** 06 dez. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2LqXn8B>>. Acesso em: 16 fev. 2017.
- IASD. **Métodos de estudo da Bíblia**. 1986. Disponível em: <<https://bit.ly/36ilD4M>>. Acesso em: 24 jan. 2020.
- KASSIAN, M. **The Feminist Mistake: the radical impact of feminism on church and culture**. Wheaton: Crossway Book, 2005.
- KELLER, R. S.; RUETHER, R. R. (eds.). **Encyclopedia of Women and Religion in North America**. Bloomington: Indiana University Press, 2006.
- KIMEL, A. E. (ed.). **Speaking the Christian God: The Holy Trinity and the Challenge of Feminism**. Grand Rapids: Eerdmans, 1992.
- KWOK, P. L. Racism and Ethnocentrism in Feminist Biblical Interpretation. In: SCHÜSSLER-FIORENZA, E. (ed.). **Searching the Scriptures**, v. 1, A Feminist Introduction. New York: Crossroad, 1993.
- LACUGNA, C. M. Review of 'Speaking the Christian God: The Holy Trinity and the Challenge of Feminism'. **Pro Ecclesia**, v. 3, p. 114-116, 1994.



- LERNER, G. **The Creation of Patriarchy**. New York: Oxford University Press, 1986.
- MATOS, T. O que é a 'teologia feminista' e como ela está mudando a vida das cristãs. **HuffPost Brasil**. 01 jul. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2zBXAmG>>. Acesso em 13 jan. 2020.
- MCCULLEY, C. **Feminilidade Radical: fé feminina em um mundo feminista**. São Paulo: Editora Fiel, 2017.
- OSTRIKER, A. S. **Feminist Revision and the Bible**. Oxford: Blackwell, 1993.
- PARSLEY, R. **Culturally Incorrect: How Clashing Worldviews Affect Your Future**. Nashville: Thomas Nelson, 2007. p. 9.
- REILLY, N. Rethinking the interplay of feminism and secularism in a neo-secular age. **Feminist Review**, v. 97, n. 1, p. 5-31, 2011.
- REINHARTZ, A.; WACKER, M. T. Some Reflections on Feminist Biblical Hermeneutics for Liberation. In: SCHROER, S.; BIETENHARD, S. **Feminist Interpretation of the Bible and the Hermeneutics of Liberation**. New York: Sheffield Academic Press, 2003. (p. 34-47).
- RICH, A. **On Lies, Secrets and Silence: Selected Prose 1966–1978**. London:Virago, 1980.
- RUETHER, R. R. **Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista**. São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- RUETHER, R. R. **Womanguides: readings toward a feminist theology**. Beacon Press, 1985.
- SALES, R (trad.). **Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.
- SCHROER, S. “We Will Know Each Other by Our Fruits”: Feminist Exegesis and the Hermeneutics of Liberation. In: SCHROER, S.; BIETENHARD, S. **Feminist Interpretation of the Bible and the Hermeneutics of Liberation**. New York: Sheffield Academic Press, 2003. (p. 1-17).
- SCHÜSSLER-FIORENZA, E. **Bread not stone: The challenge of feminist biblical interpretation**. Boston: Beacon Press, 1984.
- SCHÜSSLER-FIORENZA, E. **In memory of her: A feminist reconstruction of Christian origins**. New York: Crossroad, 1994.
- SCHÜSSLER-FIORENZA, E. The Will to Choose or to Reject: Continuing Our Critical Work. In: RUSSELL, L. (ed.). **Feminist Interpretation of the Bible**. Philadelphia: Westminster, 1985. (p. 125-136).
- SOINTU, E.; WOODHEAD, L. Spirituality, gender and expressive selfhood. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 47, 2008.
- STANTON, E. C. **Eighty Years And More: Reminiscences 1815-1897**. New York: T. Fisher Unwin, 1898. Disponível em: <<https://bit.ly/3dMHchQ>>. Acesso em: 13 jan. 2020.
- STANTON, E. C. **Has Christianity Benefited Woman?** North American Review, 1885. Disponível em: <<https://bit.ly/3bvzt6o>>. Acesso em: 14 jul. 2016.
- STANTON, E. C. **The Woman's Bible**. Seattle: Coalition Task Force on Women and Religion, 1975.



- TAMEZ, E. A mulher que complicou a história da salvação (Agar: Gn 16 e 21). In: **Estudos Bíblicos** 7. Petrópolis: Vozes, 1985. (p. 56-72).
- TOLBERT, M A. Defining the Problem: the Bible and Feminist Hermeneutics. **Semeia**, v. 28, p. 113-126, 1983.
- UPTON, B. G. Feminist theology as biblical hermeneutics. In: PARSONS, S. F. (ed.). **The Cambridge Companion to Feminist Theology**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 97-113, 2004.
- WALSH, M.P. **Feminism and Christian Tradition: An Annotated Bibliography and Critical Introduction to the Literature**. Westport: Greenwood Publishing Group, 1999.
- WHITE, E. G. **Testemunhos para a igreja**, v. 5. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- WILLIAMS, D. **Sisters in the Wilderness: The Challenge of Womanist God-Talk**. Maryknoll: Orbis Books, 2013.
- ZIKMUND, B. B. The Feminist thrust of sectarian Christianity. In: RUETHER, R. R.; MCLAUGHLIN, E. (eds.). **Women of Spirit: female leadership in the jewish and christian traditions**. New York: Simon and Scuster, 1979.